

## SIGNIFICADOS TEXTUAIS ACIONAIS E IDENTITÁRIOS NA MÍDIA: UMA AVALIATIVIDADE DO SISTEMA

Fátima Andréia TAMANINI-ADAMES\*

*ABSTRACT: In a different way, Halliday and Fairclough see texts as multifunctional, but rather than saying in different functions, Fairclough prefers to say in different meanings that texts may create, reproduce or change. These meanings can be found simultaneously at texts because they are dialectically related. Textual meanings in terms of action and in terms of identity are related to the interpersonal function. In this study, in terms of action, the first meanings show an author looking for readers' support through a discourse that negatively "evaluates" and "judge" women after certain age; and in terms of identity, the second meanings show centripetal voices from mass media trying to maintain preconceived ideologies which construct women's identities connecting youth to physical beauty and maturity to questionable sex life.*

*KEYWORDS: Appraisal; Mass Media; Critical Discourse Analysis.*

### 1. Introdução

De acordo com Franceschini (2004, p. 153), embora seja uma meta utópica, os leitores comuns esperam encontrar isenção e objetividade na mídia através do gênero discursivo reportagem, o qual reflete “quase que exclusivamente a intenção do veículo de divulgar aquele assunto naquele momento”.

Segundo Swain (2001, p. 20), embora o feminismo hoje se encontrar desdobrado em teorias que apontam para a multiplicidade da condição feminina, a mídia do mundo globalizado continua a homogeneizar essa condição, tentando recuperar a imagem do que seria uma “verdadeira mulher”, o complemento do masculino, ou a “costela de Adão reinventada”, feita para o amor, para a maternidade e para a sedução.

Aqui, acreditando que as reportagens encerram a ideologia da instituição midiática da qual são originárias, baseada em Halliday (2004) e Fairclough (1997, 2001, 2003a, 2003b), faço uma análise crítica do discurso de uma reportagem oriunda da revista *Veja* (2008) intitulada *Escândalo, pó e morte*, que envolve a atriz Susana Vieira quando da notícia da morte trágica de seu ex-marido - Marcelo Silva -, testemunhada pela então namorada dele - Fernanda Cunha -, a fim de observar como está avaliado o gênero social feminino, especialmente na maturidade. Para tanto, através da Teoria da Avaliatividade proposta por White (2004) e Martin & White (2005), verifico caracteres avaliativos de Afeto, Julgamento e Apreciação presentes no texto.

### 2. Mídia e gênero social

De acordo com Pereira (2004, p. 195), o conceito de gênero gerou rupturas na visão biológica do termo “sexo“, instituindo uma noção social. O gênero, sendo uma categoria analítica sob diversas perspectivas disciplinares, reforçou a corrente não essencialista dos estudos de identidade e enfraqueceu o determinismo biológico que eternizava a subjugação das mulheres. “Os estudos de gênero propõem que se estude também o modo pelo qual as

---

\*Pesquisadora/Mestre em Letras; Universidade Federal de Santa Maria.

diferentes hierarquias sociais (de gênero, classe, raça ou idade) incidem umas sobre as outras, modelando-se mutuamente” (HEILBORN & CARRARA, 1998, p. 373).

Para Possenti (2002, p. 156), a identidade, não sendo uma cópia do real, é uma representação imaginária, assim como o estereótipo, concebido como uma construção social e imagética que representa de modo reducionista e com força frequentemente negativa um grupo social ou uma pessoa em particular. O conceito de identidade envolve negação e diferença: algo é uma coisa e não outra. A identidade social da mulher não é unitária, mas resulta de diferenças. Identidade e diferença que, para Fairclough (1997, p. 296), são dois lados da mesma moeda que representam atualmente os maiores dilemas da vida social.

A tecnologia e a mídia são potentes agentes fragmentadores da identidade da mulher no mundo contemporâneo. Segundo Vieira (2005, p. 209), a transformação das relações sociais dificulta a definição identitária em geral e, em particular, do gênero feminino. Mesmo que as identidades estejam em contínua construção, existe um descompasso em relação a essa mudança e à evolução global. Dessas diferenças resultam dificuldades, especialmente para as mulheres, em construir uma nova identidade.

### 3. Mídia e gênero discursivo reportagem

Fairclough (2001, p. 161), baseado em Bakhtin<sup>1</sup>, diz que um gênero discursivo é um “conjunto de convenções relativamente estável que é associado com, e parcialmente representa, um tipo de atividade socialmente aprovado”.

Segundo Vilas-Boas (1996), o formato do gênero reportagem se destaca por procurar destrinchar um assunto por meio de pesquisa mais acurada, focalizando o assunto e não somente o fato que deu origem a esse. A reportagem pode organizar seu texto a partir da revisão de fatos que envolvem um tema, atualizando e ampliando suas dimensões.

Por seu caráter marcadamente interpretativo, o gênero reportagem revela de forma mais visível a fragilidade da postura imparcial da mídia na exposição, comentários, explicações, comparações, previsões e provas com as quais ela (re)constrói o fato.

Para Benites (2002, *apud* SOUZA, 2007, p. 2), o gênero reportagem permite à mídia argumentar de forma ardilosa ou velada para muito além dos limites do seu dizer, construindo verdades e manipulando a opinião pública através de recortes da realidade.

O mundo da comunicação contemporâneo é hoje, talvez o único espaço sem fronteiras e a circulação de imagens e representações sociais é virtualmente sem limites; as matrizes de inteligibilidade partilhadas e veiculadas pela mídia atualizam, das profundezas da memória discursiva, imagens estereotipadas do feminino e do masculino, mas não apenas em um espaço cultural definido. (SWAIN, 2001, p. 20)

### 4. Análise Crítica do Discurso

De acordo com Wodak (2004, p. 225), a Análise Crítica do Discurso – ACD - está interessada na análise das relações estruturais de discriminação, poder e controle, manifestas na linguagem, transparentes ou veladas, e suas pesquisas muitas vezes se voltam para os discursos institucional, midiático e de gênero social, que materializam relações mais ou menos explícitas de luta e conflito, conclui a autora (2004, p. 224).

---

<sup>1</sup> Cf. BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. (VOLOCHÍNOV) *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

A terceira onda feminista e as teorias pós-estruturalistas contribuíram para complexos e sutis entendimentos acerca de relações de poder e gênero social no trabalho dentro de ordens sociais específicas. Dois importantes discernimentos para uma ACD feminista foram o reconhecimento da diferença entre mulheres (e homens), os quais chamam ao comprometimento com uma análise de gênero e sexismo cultural e historicamente situada; e a perversidade da sutileza em trabalhos discursivos acerca do poder na modernidade. (LAZAR, 2005, p. 9)<sup>2</sup>

A linguagem da mídia, particularmente, é analisada de modo a confrontar sua aparente transparência e imparcialidade com o espaço de lutas ideológicas e de poder que representa. Segundo Wodak (2004, p. 230-231), Fairclough, principal teórico da ACD, ilustra o papel mediador e construtivo da mídia com inúmeros exemplos e demonstra a falácia da crença na neutralidade das instituições midiáticas, as quais costumam se dizer objetivas por acreditarem dar espaço ao discurso público, refletir os fatos de forma desinteressada e expressar os argumentos dos jornalistas.

Entre os conceitos considerados indispensáveis para a ACD estão o conceito de poder e o conceito de ideologia, que se propõem instrumentos para que se investigue criticamente “como a desigualdade social é expressa, sinalizada, constituída, legitimada, e assim por diante, através do uso da linguagem (ou no discurso)” (WODAK, 2004, p. 224).

## **5. Linguística Sistêmico-Funcional**

Na Linguística Sistêmico-Funcional – LSF -, a linguagem é organizada em torno de seu “Sistema de Dados do Contexto Social” e em torno do seu “Sistema Linguístico”, que se interrelacionam e formam uma “rede sistêmica”. De acordo com Halliday (2004), o Sistema de Dados do Contexto Social é formado pelas escolhas dos falantes nas variáveis “campo” - natureza da prática social -, “modo” - maneira simbólica e os canais retóricos que são adotados para a transmissão da mensagem - e “relações” - papéis dos participantes da situação e a conexão entre eles - que, por sua vez, permitem as outras escolhas no Sistema Linguístico – composto dos subsistemas semântico, léxico-gramatical e fonológico - que vão determinar o significado da língua. E todos os subsistemas estão interligados.

Essas três variáveis do contexto são realizadas no Sistema Linguístico por três metafunções da linguagem: a metafunção textual – “oração como mensagem” (HALLIDAY, 2004, p. 64-105) – que materializa a variável modo e relaciona aspectos semânticos e gramaticais do texto, dando à sentença seu *status* de mensagem e sendo “responsável pela organização dos significados experienciais e interpessoais em um todo coerente” (VENTURA & LIMA-LOPES, 2002, p. 1); a metafunção ideacional – “oração como representação” (HALLIDAY, 2004, p. 168-305) –, que materializa a variável campo e refere-se a escolhas dos interlocutores que expressam o conteúdo do texto, possibilitando, assim, ao observador tirar partido da capacidade da linguagem de representar a natureza da prática social, as experiências do mundo interior e exterior; e a metafunção interpessoal – “oração como troca” (HALLIDAY, 2004, p. 106-167) –, que materializa a variável relações e está ligada à maneira como os interlocutores usam a linguagem para interagir socialmente.

## **6. Uma abordagem sistêmica e crítica**

Segundo Ramalho (2006, p. 320), na LSF, “o social é trazido para o tecido gramatical da linguagem”, e, para a ACD, isso significa “a constituição da semiose pela sociedade, assim

---

<sup>2</sup> Tradução minha.

como a constituição da sociedade pela semiose” (RAMALHO, 2006, p. 320). Mas a ACD localiza aspectos da LSF a serem contornados para uma efetiva abordagem da linguagem como prática social, os quais não são problemas da gramática sistêmica, e sim “da sua utilização como ferramenta da ACD, cuja preocupação principal é mapear conexões entre discurso e sociedade” (RAMALHO, 2006, p. 320). Sendo assim, de acordo com Figueiredo & Moritz (2008, p. 55), o uso da linguagem constitui três aspectos simultaneamente: “identidades sociais, relações sociais, e sistemas de conhecimento e crença” – *vide* Figura 1.

Aspectos do social constituídos (em parte) pelo discurso	Significados textuais (FAIRCLOUGH, 2003a)	Metafunções hallidayanas (HALLIDAY, 2004)
Sistemas de conhecimento e crença	Representacionais	Metafunção Ideacional
Relações sociais	Acionais/Relacionais	Metafunção Interpessoal
Identidades sociais	Identitários	Metafunção Interpessoal

Fig. 1 - Cruzamento da Visão Social da Linguagem segundo a ACD e a LSF – adaptado de Figueiredo & Moritz (2008, p. 57).

### 7. Subsistema semântico e metafunção interpessoal – Avaliatividade<sup>3</sup>

Expressamos nossas atitudes na interação com o nosso interlocutor através de textos. No nível semântico, a metafunção interpessoal está ligada ao relacionamento entre as pessoas, então, o modo como um produtor de texto posiciona-se em relação ao seu leitor mostra a forma como julga o mundo através de diferentes índices avaliativos.

Na Teoria da Avaliatividade, White (2004, p. 184) baseia-se na “noção bakhtiniana de dialogismo e heteroglossia”<sup>4</sup>, onde qualquer forma de comunicação verbal é dialógica e “significa referir-se a, ou retomar de alguma forma, o que já foi dito/escrito, e simultaneamente antecipar as respostas de leitores/ouvintes reais, potenciais ou imaginados”. Sobre essa interação em função “do”, “para”, e “com” o outro, Vian Junior (2009, p. 105) constata que, assim, o dialogismo é o ponto de partida da discussão sobre avaliatividade.

A Teoria da Valoração (Martin & White, 2005) tem se revelado uma ferramenta eficaz para que se possa perceber o caráter opinativo dos textos jornalísticos, uma vez que não são somente os qualificadores que atribuem valores a nomes, coisas e eventos. Tal aparato teórico permite que se analise, através dos elementos linguísticos, a semântica do discurso empregado. Os recursos utilizados pelo escritor, tanto sob o ponto de vista da atitude, da intertextualidade e da dialogia permitem estabelecer que tipo de autor se constrói no texto e que tipo de leitor o escritor constrói para que consuma seu texto. (CABRAL & BARROS, 2006, p. 724)

Segundo Martin & White (2005), podemos categorizar recursos léxico-gramaticais para realizarmos as avaliações em três tipos principais: recursos de Atitude, recursos de Engajamento e recursos de Gradação. A funcionalidade desses recursos, entretanto, só pode

<sup>3</sup> Nessa pesquisa, fiz a opção pela palavra “avaliatividade” (diferente dos termos “avaliação” e “valoração”), do inglês *appraisal*, que não advém, de acordo com Vian Junior (2009, p. 102), dos termos *evaluation* ou *assessment*.

<sup>4</sup> Cf. BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

ser explicada adequadamente levando-se em conta, paralelamente, os efeitos dialógicos, lembra White (2004, p. 185).

[...] as aplicações desenvolvidas até o momento voltaram-se para as seguintes questões: diferenças em perfis Atitudinais (diferentes padrões de ocorrência de subtipos Atitudinais) através dos quais textos individuais, ou grupos de textos (por exemplo, os que representam determinado registro ou gênero), podem ser contrastados; padrões intratextuais de ocorrência de valores Atitudinais que permitem a identificação de estágios funcionais; associações entre certos atores sociais e tipos particulares de avaliação Atitudinal; o papel da Atitude na criação da despersonalização estratégica nos textos; a associação de padrões particulares de recursos dialógicos com efeitos retóricos, tais como a construção de personas autorais, ou a criação de um público 'preferencial'; padrões de integração entre Atitude e Engajamento que revelam as pressuposições ideológicas presentes no texto. (WHITE, 2004, p. 201)

Nesse estudo, analiso apenas os significados atitudinais (positivos e negativos), os quais “podem ser agrupados em três grandes campos semânticos: Afeto, Julgamento e Apreciação” (WHITE, 2004, p.179). Entretanto, de acordo com Cabral & Barros (2006, p. 725), esse tipo de posicionamento atitudinal nem sempre está explícito, podendo ser desvendado com o auxílio do contexto em que o texto está inserido.

Os valores apreciativos são “significados utilizados para fazer avaliações de fenômenos semióticos e naturais através de referências a seu valor num determinado campo, talvez de forma mais típica referindo-se às suas qualidades estéticas” (WHITE, 2004, p. 180). Conforme White (2004, p. 191), a Apreciação é o campo semântico relacionado com avaliações de objetos materiais, e também de fenômenos naturais e estados de coisas, atribuindo-se a esses objetos um valor negativo ou positivo.

De acordo com Cabral & Barros (2006, p. 726), a Apreciação “é a avaliação estética da composição, estrutura e forma, da apresentação, do conteúdo e da disposição de objetos”. Porém, também seres humanos podem ser apreciados quando se discute suas qualidades estéticas e seus comportamentos em sociedade, como lembra White (2004, p. 191), o qual subdivide a apreciação em três tipos avaliativos: de reação, de composição, e de valorização (não verificados aqui).

Os valores de Julgamento são “significados que indicam uma visão da aceitabilidade social do comportamento de agentes humanos, uma avaliação feita através de referências a algum sistema de normas sociais” (WHITE, 2004, p. 179) através dos quais construímos posições de aprovação/condenação em relação ao comportamento humano - avaliações do caráter de alguém - através de referências à aceitabilidade e às normas sociais (WHITE, 2004, p. 187). Para Cabral & Barros (2006, p. 726), o Julgamento deve variar considerando-se a posição social e ideológica do autor.

Existem os Julgamentos de sanção social, que “envolvem questões de legalidade e moralidade” (WHITE, 2004, p. 187) e relacionam-se com os conceitos de veracidade (quão sincero alguém é) e propriedade (quão ético alguém é). O autor (2004, p. 188) escreve que esses Julgamentos codificam-se através de “leis, regulamentos e normas produzidas por instituições de grande poder social, como o governo, o sistema jurídico e a igreja”. Também existem os Julgamentos de estima social, os quais “envolvem avaliações que podem levar o indivíduo a ser elevado ou rebaixado na estima de sua comunidade, mas que não possuem implicações legais ou morais” (WHITE, 2004, p. 188). Esses, por sua vez, relacionam-se com os conceitos de normalidade (até que ponto alguém é estranho ou pouco usual), capacidade (quão capaz esse alguém é) e tenacidade (quão determinado alguém é). As redes sociais cotidianas, a família e a amizade, são formadas através desses valores, diz White (2004, p.

188). Essa taxonomia de cinco partes conceituais é inspirada na noção hallidayana de metáfora interpessoal, como uma lexicalização das “categorias gramaticais da modalidade” de Halliday (2004): “a normalidade está para a usualidade; a capacidade está para a habilidade; a tenacidade está para a inclinação; a veracidade está para a probabilidade; e a propriedade está para a obrigação” (WHITE, 2004, p. 188-189).

Os valores do Afeto são “significados fundamentalmente atitudinais associados à emoção – os textos indicam visões positivas ou negativas através de relatos das respostas emocionais do falante/escritor, ou relatos das respostas emocionais de terceiros” (WHITE, 2004, p. 179), que podem ser expressos na forma de adjetivos, na forma de processos verbais, ou ainda na forma de comentários adjuntos como substantivos, através de nominalizações.

O Afeto pode ser classificado de acordo com seis fatores, conforme White (2004, p. 186-187): sentimentos construídos pela cultura como positivos (agradáveis) ou negativos (desagradáveis); sentimentos representados como uma onda comportamental envolvendo algum tipo de manifestação paralinguística ou extralinguística, ou representados na forma de um estado emotivo ou de um processo mental em andamento; sentimentos representados como reação a um estímulo, ou como um estado de espírito geral; sentimentos, numa escala de baixa, média, a alta intensidade; sentimentos envolvem intenção com relação a um estímulo ainda não realizado ou em oposição a um estímulo já realizado; por fim, as emoções podem ser reunidas em três grupos ligados à in/felicidade (“assuntos do coração” – tristeza, raiva, felicidade e amor), in/segurança (bem-estar ecossocial – ansiedade, medo, e confiança), e in/satisfação (busca de objetivos – tédio, desprazer, curiosidade, respeito).

Valores afetivos subjazem às categorias atitudinais, mas White (2004, p. 191-192) alerta para não confundirmos o Afeto – “construção das emoções do sujeito” – com Apreciação – “atribuição a coisas do poder de gerar emoções no sujeito” – *vide* Figura 2.

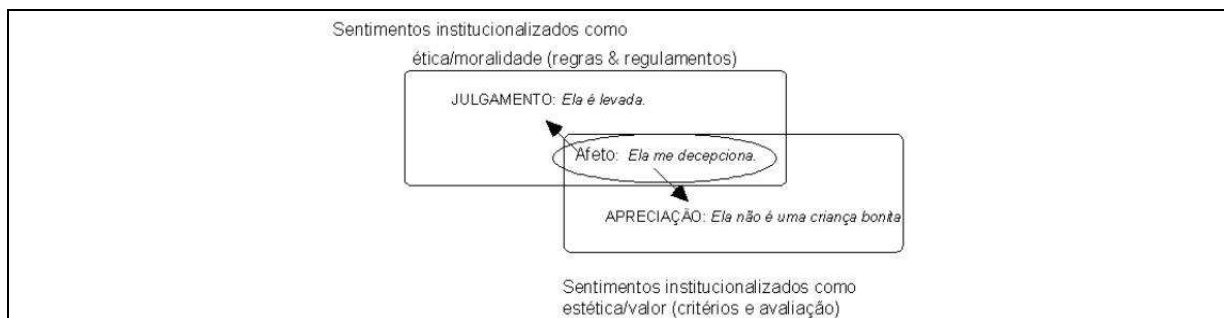


Fig. 2 - Julgamento e Apreciação como Afeto Institucionalizado (WHITE, 2004, p. 183).

## 8. Metodologia

Combinando a LSF e a ACD, analiso um exemplar do gênero discursivo reportagem oriundo da revista *Veja* (2008) - especialmente escolhida por ter uma representativa tiragem semanal -, para a verificação de como está avaliado o gênero social feminino, especialmente na maturidade. A partir do Sistema Linguístico, dentro do subsistema semântico, estudo a metafunção interpessoal, a qual deve expressar a maneira como o autor do texto usa a linguagem para interagir socialmente, posicionando-se em relação ao seu leitor - e que Fairclough (2001, 2003a) relaciona a significados acionais/relacionais e identitários “relativos às formas de ser, às identidades sociais construídas pelos textos” (Figueiredo & Moritz, 2008, p. 56) -, com base em White (2004) e Martin & White (2005) para, através da Teoria da

Avaliatividade, identificar caracteres avaliativos atitudinais de Afeto, Apreciação e Julgamento.

Finalmente, sigo o Modelo Analítico de Fairclough (2003b, p. 184) para resumir a investigação das relações existentes entre os eventos sociais, as práticas sociais e as estruturas sociais, baseada nos resultados obtidos na etapa analítica anterior, que inclui: 1º focalizar um problema social e seu aspecto semiótico; 2º identificar seus obstáculos para poder abordá-los, seja através da análise da rede de práticas nas quais estão localizados, seja através da relação semiótica que eles mantêm com outros elementos da(s) prática(s) social (ais) onde se inserem no discurso (isto é, da própria semiose), o que inclui a análise linguística anterior; 3º considerar se a ordem social (a rede de práticas) depende desse problema para existir; 4º identificar as possíveis formas de superar os obstáculos; e, 5º refletir criticamente sobre a análise.

### 9. Análise e discussão dos resultados<sup>5</sup>

A presença de Afeto permeia todo o texto, estando presente tanto nos caracteres avaliativos atitudinais de Julgamento quanto nos de Apreciação, indicando uma busca constante de sensibilização do leitor-alvo para com o assunto tratado, bem como para com os atores sociais envolvidos na reportagem. Aqui entendo que, quanto mais apela para a emoção do leitor na tentativa de solidarizar-se com ele, mais o(a) autor(a) do texto afasta-se da objetividade jornalística - *vide* Figura 3.

É um lugar-comum comparar a vida de atores às tramas mirabolantes das novelas, mas provavelmente existem poucos exemplos mais cabíveis do que a história de *amor*, fama, poder, *deslumbramento*, ascensão social, traição e escândalo que aproximou e afastou Susana e Marcelo com a força de mil sóis da *paixão* e o apelo abissal da autodestruição.

Fig. 3 – Exemplo de Afeto na reportagem da *Veja* (2008).

As Apreciações positivas (+) estão relacionadas a Marcelo e a Fernanda, mas quase nunca a Susana. Ao contrário, as Apreciações negativas (-) estão relacionadas quase que exclusivamente a Susana, muito pouco a Marcelo e nenhuma vez a Fernanda, indicando a juventude feminina como parte importante do padrão estético ocidental - *vide* Figura 4.

---

<sup>5</sup> A análise completa dessa reportagem encontra-se em: TAMANINI-ADAMES, Fátima Andréia. *Análise polifônica de estereótipos na mídia: uma nova identidade para a mulher na maturidade?* 214f. Dissertação. (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2010.

(+) O rosto que as câmeras adoram e está na memória coletiva: Susana no início da carreira com o primeiro marido, Régis Cardoso; com Carson, o segundo, e com Marcelo, o *bonitão* da Baixada que foi expulso da PM depois do primeiro escândalo de drogas e quebraadeira.

(+) A história é tão antiga quanto a humanidade, mas todo mundo continua a acompanhar com emoção a trama de poder, fama, traição e vício que uniu Susana Vieira e Marcelo Silva, depois os separou e por fim o levou à overdose fatal em companhia da *nova e bela* namorada.

(-) Num processo incomum, ela foi ganhando mais destaque com o tempo, que sempre pareceu desmentir com a *aparência jovial ajudada pelas plásticas de costume* e o temperamento desafiador.

Fig. 4 – Exemplos de Apreciação na reportagem da *Veja* (2008).

Em relação aos Julgamentos, somente Susana recebe os de estima social positiva (+): o que é compreensível, pois se trata de uma atriz de grande sucesso. Nesse caso, a atriz aparece quebrando estereótipos: continua fazendo sucesso, mesmo que pesquisas indiquem que a maioria das atuais mulheres no climatério e/ou menopausa ainda perde não só a autoestima, mas também espaço no mercado de trabalho ao envelhecerem. De acordo com Mendonça (2004, p. 159), o advento da menopausa afeta negativamente a construção da autoimagem da mulher, marcando decisivamente sua concepção do envelhecer, seja associando-se o início do envelhecer a ela, seja apelando-se para a tecnologia para tentar apagar seus primeiros sinais físicos. Por outro lado, é Susana quem recebe também o maior número de Julgamentos de estima social negativa (-), mas dessa vez por causa de seu envolvimento com homens mais jovens, no caso, com Marcelo - *vide* Figura 5.

(+) *Aos 66 anos, tem uma característica rara:* continua a ser protagonista de novelas.

(-) Os que já passaram pelo teste da paixão – *fazer uma coisa que normalmente a pessoa não faria, e sabendo que vai dar errado* – preferiram não julgar, ou pelo menos entender que esse é um campo onde a irracionalidade vence, sempre.

Fig. 5 – Exemplos de Julgamento de estima social na reportagem da *Veja* (2008).

Quanto aos Julgamentos de sanção social, os de caráter negativo (-) aparecem como os mais relevantes pelo conteúdo fortemente discriminatório em relação à união de mulheres com homens mais jovens- *vide* Figura 6.

(-) *É a lição de moral que o senso comum de justiça exige*, mas que quando acontece não pode deixar ninguém feliz.

Fig. 6 – Exemplo de Julgamento de sanção social na reportagem da *Veja* (2008).

## 9. Considerações finais

As respostas ao Modelo Analítico de Fairclough (2003b, p. 184) ajudam a entender as relações existentes entre os eventos sociais, as práticas sociais e as estruturas sociais pesquisados aqui, de maneira coerente e sintética, de modo a finalizar essa seção, e incluem:

1º Problema social e seu aspecto semiótico:

A representação do gênero social feminino, percebida através das vozes veiculadas por uma instituição midiática relevante, e a relação com a construção identitária das mulheres.

2º Identificação dos obstáculos para abordar o problema:

Seleção de um *corpus* representativo do problema - reportagem da revista *Veja* (2008) – e seleção de metodologia reveladora do problema social detectado – LSF como ferramenta para a ACD, sob uma perspectiva dialógica.

3º Consideração sobre a ordem social ou rede de práticas depender desse problema para existir:

Essa análise revela a manutenção de uma lógica masculina na sociedade brasileira refletida em uma das suas principais instituições midiáticas, a qual tende a resistir à mudança e tenta manter padrões femininos baseados na juventude, o que deve afetar negativamente na construção e na consolidação da identidade das mulheres, especialmente daquelas no climatério e/ou menopausa. Levo-me a perguntar aqui, com Caldas-Coulthard (2005, p. 125), se as mulheres dependem de vozes de *experts*, “geralmente masculinas, para reger suas vidas”?

4º Identificação de possíveis formas de superar os obstáculos:

Divulgação dos resultados da pesquisa a fim de sensibilizar os que detêm o poder – no caso, o poder da mídia - e são responsáveis pela representação negativa da mulher, em especial da mulher madura, e que poderiam adotar uma perspectiva que buscasse a abertura e a manifestação de vozes de grupos sociais com interesses diversos.

5º Reflexão crítica da análise:

Fairclough (1997, p. 296) critica a dominação e o poder de certas classes de sujeitos sobre outros, e contribui com a concepção de que a construção do sujeito do discurso resulta de um processo ideológico, conceito defendido pela ACD, preferindo falar, conforme Figueiredo & Moritz (2008, p. 56), em diferentes significados que os textos criam, reproduzem ou alteram, em vez de funções exercidas por eles: “esses significados podem ser encontrados simultaneamente em textos, uma vez que estão dialeticamente relacionados, ou seja, cada um internaliza os outros” (RAMALHO, 2006, p. 322).

Os significados textuais acionais ou relacionais aproximam-se da metafunção interpessoal e incorporam a metafunção textual hallidayana, segundo Ramalho (2006, p. 322). Nesse estudo, eles evidenciam um(a) autor(a) – a reportagem não é assinada - buscando solidariedade nos leitores para com um discurso que “aprecia” e “julga” de maneira negativa mulheres que, “após certa idade”, ousam fugir de padrões imagéticos pré-estabelecidos.

Por último, os significados textuais identitários – que também incorporam traços da metafunção interpessoal de Halliday (2004) – mostram que existem forças centrípetas de poder manifestas nas vozes da mídia a serviço da permanência de ideologias preconcebidas, as quais constroem identidades de sexo que, no caso da mulher, ainda ligam juventude a beleza física e maturidade a vida afetiva e sexual questionável.

Chouliaraki e Fairclough (1999)<sup>6</sup> defendem que a modernidade tardia mina identidades individuais e coletivas, logo, lutas para a construção de identidades no discurso são um traço saliente da vida social nessa fase da modernidade. Harvey (1989)<sup>7</sup> contribui para a sustentação dessa defesa, ao identificar, segundo Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 78), dois tipos de reação às mudanças ocorridas na modernidade tardia: de um lado, uma exploração das múltiplas possibilidades geradas, por exemplo, no cruzamento de fronteiras e no hibridismo de práticas; de outro lado, uma reação mais defensiva que tenta restabelecer identidades individuais e coletivas e que envolve tematização da nação, da religião, da comunidade e da família em formas de novos movimentos sociais. [...] Uma das funções da ciência crítica é tentar desvelar aspectos negativos da “nova ordem mundial” hegemônica e mostrar que podem ser mudados pela agência humana, dado que não são naturais, mas são, pelo menos em parte, o resultado de estratégias particulares engendradas por meio de decisões políticas de acordo com interesses determinados. (RESENDE & RAMALHO, 2004, p. 200-201)

Bernardes (2009, p. 78) diz que a imagem tornou-se poderosa no mundo pós-moderno fragmentado e diversificado, circulando mundialmente através da mídia e criando valores e crenças que “pouco ou nada têm que ver com a história das áreas em que vivemos ou até mesmo com nossa história particular”. Isso, de acordo com a autora (2009, p. 78), compromete a nossa própria identidade, localizando-nos em um momento de transição. Concordamos com Vieira (2005, p. 235) quando ela diz que o sexo masculino ainda é o responsável direto pela formação discursiva da identidade da mulher. A quebra dos padrões discursivos, bem como a desnaturalização das crenças e dos comportamentos verbais presentes no discurso masculino sobre a mulher devem iniciar qualquer mudança.

## Referências

- BENITES, Sonia Aparecida Lopes. *Contando e fazendo a história: a citação no discurso jornalístico*. São Paulo, SP: Arte & Ciência; Assis, SP: Núcleo Editorial Proleitura, 2002.
- BERNARDES, Walkyria Wetter. Pós-Modernidade, mídia e perfil identitário feminino. In: VIEIRA, Josenia Antunes; SILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi da; MAGALHÃES, Célia Maria; BENTO, André Lúcio; SILVA, Francisca Cordélia Oliveira da; MANDARINO, Georgina Amazonas; ROCHA, Harrison da; FERRAZ, Janaína de Aquino; ORMUNDO, Joana da Silva; BERNARDES, Walkyria Wetter. (Orgs.). *Olhares em Análise de Discurso Crítica*. Brasília, DF: Editora da UnB, 2009, p. 75-88.
- CABRAL, Sara Regina Scotta; BARROS, Nina Célia de Almeida. Linguagem e avaliação: uma análise de texto opinativo. In: International Systemic Functional Congress, XXXIII, jul. 2006, São Paulo, SP. *Proceedings*. São Paulo, SP: LAEL-PUC-SP, 2006, p. 722-734.
- CALDAS-COULTHARD, Carmem Rosa. O picante sabor do proibido: narrativas pessoais e transgressão. In: FUNK, Suzana Bornéo; WIDHOLZER, Nara. (Orgs.). *Gênero em discursos da mídia*. Florianópolis, SC: Mulheres; Santa Cruz do Sul, RS, Edunisc, 2005, p. 121-146.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London, UK; New York, NY/USA: Routledge, 2003a.
- \_\_\_\_\_. El análisis crítico del discurso como método para la investigación en ciencias sociales. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michael. (Orgs.). *Métodos de análisis crítico del discurso*. Barcelona, ESP: Gedisa Editorial, 2003b, p. 179-204.

<sup>6</sup> Cf. CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse in late modernity: rethinking Critical Discourse Analysis*. Edinburgh, UK: Edinburgh University Press, 1999.

<sup>7</sup> Cf. HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. Trad. Adail U. Sobral e Maria S. Gonçalves. São Paulo, SP: Loyola, 1992.

- \_\_\_\_\_. *Discurso e mudança social*. Trad. Isabel Magalhães *et al.* Brasília, DF: Editora UnB, 2001.
- \_\_\_\_\_. Critical discourse analysis in the 1990s: challenges and responses. *In:* PEDRO, Emília Ribeiro. (Org.). *Discourse Analysis*. Internacional Conference on Discourse Analysis, I, jun. 1996, Lisboa, POR. *Proceedings*. Lisboa, POR: Edições Colibri, 1997, p. 289-302.
- FIGUEIREDO, Débora Carvalho; MORITZ, Maria Ester Wollstein. Discurso e sociedade: a perspectiva da Análise Crítica do Discurso e da Linguística Sistêmico-Funcional. *In:* BRAGA, Sandro; MORITZ, Maria Ester Wollstein; REIS, Mariléia; RAUEN, Fábio José. (Orgs.). *Ciências da linguagem: avaliando o percurso, abrindo caminhos*. Blumenau, SC: Nova Letra Gráfica e Editora, 2008, p. 47-65.
- FRANCESCHINI, Felipe. Notícia e reportagem: sutis diferenças. *Comum*. Rio de Janeiro, RJ, v. 9, n. 22, p. 144-155, jan./jun. 2004.
- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. *An introduction to functional grammar*. 3<sup>rd</sup> ed. Revised by Christian M. I. M. Matthiessen. London, UK: Arnold, 2004.
- HEILBORN, Maria Luiza; CARRARA, Sérgio. Em cena, os homens... *Estudos feministas*. Florianópolis, SC, v. 6, n. 2, p. 370-374, 1998.
- LAZAR, Michelle M. Politicizing gender in discourse: feminist critical discourse analysis as political perspective and praxis. *In:* LAZAR, Michelle M. (Ed.). *Feminist Critical Discourse Analysis – gender, power and ideology in discourse*. New York, NY/USA: Palgrave Macmillan, 2005, p. 1-28.
- MARTIN, James R.; WHITE, Peter. *The language of evaluation: appraisal in English*. New York, NY/USA: Palgrave, 2005.
- MENDONÇA, Eliane Azevedo Pereira de. Representações médicas e de gênero na promoção da saúde no climatério/menopausa. *Revista ciência & saúde coletiva*. Rio de Janeiro, RJ, v. 9, n. 1, p. 155-166, fev. 2004.
- PEREIRA, Verbena Laranjeira. Gênero: dilemas de um conceito. *In:* STREY, Marlene Neves; CABEDA, Sônia T. Lisboa; PREHN, Denise R. (Orgs.). *Gênero e cultura: questões contemporâneas*. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2004.
- POSSENTI, Sirio. *Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito*. Curitiba, PR: Criar, 2002.
- RAMALHO, Viviane C. Vieira Sebba. Macrofunção interpessoal da linguagem e construção de identidades em discursos sobre conflitos internacionais. *In:* International Systemic Functional Congress, XXXIII, jul. 2006, São Paulo, SP. *Proceedings*. São Paulo, SP: LAEL-PUC-SP, 2006, p. 315-330.
- RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane C. Vieira Sebba. Análise de Discurso Crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas: implicações teórico-metodológicas. *Linguagem em (Dis)curso*. Tubarão, SC, v. 5, n.1, p. 185-207, jul./dez. 2004.
- SOUZA, Jefferson Adriano de. Uma ceia nada santa: visão sacrílega do banquete do poder, capturada pelas cores berrantes da paródia. *In:* Congresso de Leitura do Brasil, XVI, jul. 2007, Campinas, SP. *Anais*. Campinas, SP: ALB, 2007, p. 2-10.
- SWAIN, Tânia Navarro. Feminismo e representações sociais: a invenção das mulheres nas revistas “femininas”. *História: Questões & Debates*. Curitiba, PR, n. 34, p. 11-44, 2001.
- Veja*. Escândalo, pó e morte. São Paulo, SP: Abril, ed. 2091, ano 41, n. 50, p. 132-138, 17 dez. 2008.
- VENTURA, Carolina Siqueira Muniz; LIMA-LOPES, Rodrigo Esteves de. O Tema: caracterização e realização em português. *Direct Papers*. São Paulo, SP/Liverpool, UK, n. 47, p. 1-16, 2002.

- VIAN JUNIOR, Orlando. O sistema de avaliatividade e os recursos para gradação em Língua Portuguesa: questões terminológicas e de instanciação. *Delta*. São Paulo, SP, v. 25, n. 1, p. 99-129, 2009.
- VIEIRA, Josenia Antunes. A identidade da mulher na modernidade. *Delta*. São Paulo, SP, v. 21, n. especial, p. 207-238, 2005.
- VILAS-BOAS, Sergio. *O estilo magazine: o texto em revista*. São Paulo, SP: Summus, 1996.
- WHITE, Peter. Valoração: a linguagem da avaliação e da perspectiva. Trad. Débora de Carvalho Figueiredo. *Linguagem em (Dis)curso*. Tubarão, SC, v. 4, n. esp., p. 177-205, 2004.
- WODAK, Ruth. Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. Trad. Débora de Carvalho Figueiredo. *Linguagem em (Dis)curso*. Tubarão, SC, v. 4, n. esp., p. 223-243, 2004.